

difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 1

AVALIAÇÃO NÃO SE PODE IMPROVISAR



Heraldo Marelim Vianna:
comparações entre as avaliações
existentes no sistema educacional
brasileiro.



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 2

Prof. Heraldo Marelim Vianna começou a se envolver com problemas de avaliação a partir de 1962 e entrou na Fundação Chagas Chagas em 1969, após fazer cursos de aperfeiçoamento e pós-graduação na França e nos Estados Unidos, especializando-se na área de planejamento e experimentos em educação, incluindo medidas de avaliação. O texto a seguir reproduz parte de entrevista que concedeu a Tendências do Vestibular, edição especial, ago/set de 2004, n.º 118, sobre os sistemas de avaliação no Brasil. Na forma de entrevista fechada, prof. Heraldo relaciona o Saeb (Sistema de Avaliação do Ensino Básico), o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e o Provão – além de fazer considerações sobre alternativas a esses processos.

ENEM, PROVÃO E SAEB

Em princípio do ano passado houve em Brasília uma reunião promovida pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais). Tendo sido convidado para essa reunião, eu produzi um documento de 40 páginas em que discutia questões da educação, enfocando particularmente as grandes avaliações: o Saeb (Sistema de Avaliação do Ensino Básico), o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e o Exame Nacional de Cursos, o chamado Provão. Fazendo uma análise das três grandes avaliações, pode-se intuir uma série de problemas ligados à educação.

SAEB É O MELHOR

Eu acredito que, de todas as avaliações, o Saeb é sem dúvida a melhor. Contudo, tem um problema sério, que decorre de sua concepção. Ele não tem impacto no sistema de ensino. Seus resultados não chegam à escola, não chegam ao professor. É elaborado um relatório técnico, para técnicos, para estatísticos.

Essa minha preocupação é contestada por muitos, dizendo que os resultados do Saeb não são para as escolas, são para as autoridades, para os responsáveis pela definição de políticas públicas. Mas não faz sentido que as escolas não tenham conhecimento do desempenho dos alunos e os professores não possam tomar medidas ou corretivos. Ao Saeb falta



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 3

validade conseqüencial. Dependendo da maior ou menor intensidade dessa validade, a avaliação é bem ou malsucedida.

ENEM É REPETITIVO

A avaliação do Ensino Médio feita pelo Enem: na forma atual eu acho esse exame repetitivo, porque o Ensino Médio já é avaliado no Saeb. Não haveria necessidade de uma avaliação adicional. Não se deve fazer crítica pela crítica, mas fazer críticas e apresentar propostas alternativas. No caso do Enem, acho que deva ser dada continuidade, ampliada, e no documento que fiz para o INEP procurei incluir propostas construtivas.

Vamos pensar no que o Enem se propõe. Ele se propõe a medir competências demonstradas através de 21 habilidades. A prova do Enem tem 63 questões. Isto significa que para cada habilidade, em princípio, há 3 questões apenas. Como medir uma habilidade somente através de 3 questões?

DUAS HABILIDADES BÁSICAS

Quais são as habilidades básicas para um cidadão entrar na universidade, numa escola de ensino superior, independente da área? São duas: habilidade verbal e habilidade numérica. No mundo de hoje, para ser bem sucedida, a pessoa precisa saber ler bem, compreendendo, precisa saber escrever com clareza e concisão, precisa saber trabalhar com números e resolver problemas. Seria a meu ver muito mais palatável para as universidades aceitarem um exame que medisse essas duas habilidades.

PROVÃO: ALGUNS PROBLEMAS

Continuando no documento que fiz para o INEP: tem o problema do Exame Nacional de Cursos. Eu sou a favor de que haja um exame de capacitação profissional no fim do curso, mas não como vinha sendo feito, em que o A nem sempre significava um bom desempenho. Ele talvez fosse o melhor, o menos ruim. A idéia de normalidade era aplicada numa distribuição assimétrica. E aí os conceitos ficavam disparatados. O A nem sempre indicava qualidade, o B não era bom, não havia diferença grande entre o E e o B, o D e o A. Aluno com nota 3 numa escala de 0 a 10 estava em A.

A mudança que querem introduzir no Provão é que seja amostral. E o indivíduo tem de repetir o exame. Ele o faz em dois momentos. E se ele muda de uma escola para outra, de um



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 4

estado para outro, como se vai resolver? São pequenos problemas logísticos que se acumulam e podem invalidar resultados.

AUTO-AVALIAÇÃO X PROVÃO

Eu acho que seria importante que todas as universidades fizessem a sua auto-avaliação institucional. Já houve um bom programa de auto-avaliação institucional das universidades brasileiras, o PAIUB. Um belo dia a coisa acabou. Por quê? Não por causa das universidades, talvez devido à impossibilidade do Ministério acompanhar todas essas avaliações.

Além da auto-avaliação, deveria haver exames de qualificação profissional. Quem deveria ser o mais interessado na qualidade do profissional? O seu órgão de classe. A OAB faz o exame de qualificação porque tem interesse em que os profissionais da categoria sejam bons. Veja o caso do mais recente Exame da Ordem em São Paulo: 73% dos que se inscreveram não foram bem sucedidos. A meu ver, esse filtro deveria ser adotado para todas as carreiras. Mas, hoje, o cidadão termina um curso, vai ao seu órgão de classe, recebe uma carteirinha e começa a atuar profissionalmente. Há exceções, como em algumas áreas da Medicina. Para a pessoa ser pediatra de um hospital tem de passar no exame de especialização da Sociedade Brasileira de Pediatria. A Sociedade de Ortopedia e Traumatologia também faz um exame severíssimo, com parte prática, parte oral, etc.

AVALIAÇÃO SEM IMPROVISOS

Avaliação é um campo amplo. Recentemente, eu estava na Universidade Federal de Minas Gerais com um grupo que se chama GAME – Grupo de Avaliação de Medidas Educacionais. Um dos pontos que eu apresentei nessa reunião é que não há nas universidades brasileiras uma área de concentração sobre avaliação. Todos nós, de modo geral, somos autodidatas. Mesmo nas grandes universidades a avaliação é vista dentro da prática de ensino, numa discussão informal de período de aula.

A minha discussão foi no sentido de que, ao lado da especialização em administração escolar, haja uma especialização em avaliação educacional. Porque não é uma coisa que se possa improvisar. Eu falei da necessidade de um currículo de avaliação. E há outro aspecto. Muitos dos profissionais que estão atuando em avaliação formaram-se nos anos 60. Já decorreram no mínimo 30 anos e essas pessoas estão se afastando. Há necessidade de formar gente nessa área. Até os órgãos do Ministério encontram dificul-



difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 5

dade para preencher posições de responsabilidade, posições técnicas, com pessoas que tenham essa formação.

AVALIAÇÃO E ÉTICA

Outro ponto para o qual eu chamei a atenção: ética em avaliação. Em pesquisas, por exemplo, há uma preocupação grande com ética e muitas instituições estão definindo os padrões. Eu acho que também deveriam ser definidos padrões éticos em avaliação.

META-AVALIAÇÃO

E nessa formação haveria, a meu ver obrigatoriamente, uma área muito importante, que é a metaavaliação, ou seja, avaliação das avaliações. Há muita avaliação no Brasil, mas ninguém faz a avaliação dessas avaliações. Elas precisariam ser avaliadas qualificativamente, para ver se realmente estão medindo aquilo que se propõem. ✕

A íntegra do documento elaborado pelo Prof. Heraldo Marelím Vianna para o INEP, "Avaliações Nacionais em Larga Escala - Análises e Propostas", está na edição nº 28 da revista "Estudos em Avaliação Educacional", da Fundação Carlos Chagas (site www.fcc.org.br).